

A DIALÉTICA DO RETROVISOR E DO PARA-BRISASS: MEMÓRIA HISTÓRICA E PROSPECTIVIDADE EMANCIPATÓRIA NO CURRÍCULO EDUCACIONAL

THE DIALECTIC OF THE REARVIEW MIRROR AND THE WINDSHIELD: HISTORICAL MEMORY AND EMANCIPATORY PROSPECTIVITY IN THE EDUCATIONAL CURRICULUM

 <https://doi.org/10.63330/armv2n7-010>

Submetido em: 21/07/2026 e Publicado em: 24/07/2026

ARM: e261989

Marco Antônio Teixeira de Paula
Mestrando em Teologia pela Faculdades EST

Silvia Clícia Corrêa dos Santos de Paula
Mestranda em Teologia pela Faculdades EST

Resumo

Este artigo problematiza a colonização instrumental do currículo educacional contemporâneo, denunciando a farsa da inovação mercadológica que rotula o passado pedagógico como obsoleto para impor uma lógica de performance e adestramento digital. Utilizando a metáfora automotiva, o estudo tensiona a relação dialética entre o retrovisor compreendido como a memória histórica e o amparo epistemológico que recusa comparações punitivas e saudosistas e o para-brisass, representação da amplitude prospectiva e da abertura ao porvir. Sob o referencial crítico de Gimeno Sacristán, Moacir Gadotti, Michael Apple e Tomaz Tadeu da Silva, desmascara-se o "para-brisass embaçado" pelas ideologias neoliberais, que disfarçam a exclusão social sob o manto do empreendedorismo e das competências socioemocionais domesticados. Conclui-se que o resgate da dignidade da escola pública exige a articulação política de ambos os olhares, transformando o currículo em uma práxis resistente capaz de converter o acúmulo histórico em energia utópica e emancipatória.

Palavras-chave: Emancipação; Memória Pedagógica; Práxis; Racionalidade Neoliberal; Teoria Crítica do Currículo.

Abstract

This article problematizes the instrumental colonization of the contemporary educational curriculum, exposing the farce of market-driven innovation that labels the pedagogical past as obsolete to enforce a logic of performance and digital conditioning. Utilizing an automotive metaphor, the study examines the dialectical tension between the rearview mirror—understood as historical memory and epistemological



support that refuses punitive comparisons and nostalgia—and the windshield, representing prospective breadth and openness to what is to come. Under the critical theoretical framework of Gimeno Sacristán, Moacir Gadotti, Michael Apple, and Tomaz Tadeu da Silva, the study unmasks a "fogged windshield" obscured by neoliberal ideologies that disguise social exclusion under the guise of entrepreneurship and domesticated socio-emotional skills. It concludes that reclaiming the dignity of public education requires the political integration of both perspectives, transforming the curriculum into a resistant praxis capable of converting historical knowledge into utopian and emancipatory energy.

Keywords: Critical Curriculum Theories; Educational Curriculum; Emancipatory Prospectivity; Historical Memory; Praxis.

1 INTRODUÇÃO

As reformas curriculares que assolam a educação global na contemporaneidade operacionalizam sob uma clara lógica de demolição controlada da memória pedagógica. Alinhadas aos imperativos do processo capitalista tardio, as políticas públicas neoliberais comercializam a ilusão de um presente perpétuo, onde a escola deve descartar suas tradições e saberes históricos para se adequar de forma imediata, acrítica e flexível às mutações voláteis do mercado de trabalho. Esse ímpeto modernizador institui uma violência simbólica sem precedentes: tudo o que antecede a última plataforma digital ou o mais recente pacote de competências socioemocionais é carimbado como arcaico, ineficiente ou fracassado. Instala-se, assim, um tribunal de comparações frustrantes que desidrata a autonomia docente e joga sobre as comunidades escolares o peso de metas quantitativas inalcançáveis, auditadas por sistemas externos de controle que mimetizam a lógica empresarial.

Diante desse cenário de asfixia tecnocrática, torna-se urgente erguer um diagnóstico reconstrutivo e profundamente crítico sobre o tempo histórico na educação. O currículo não pode ficar restrito a uma paixão burocratizada ou a um mero elencar ilustrativo a serviço da reprodução de classes. Para desconstruir essa armadilha conceitual, o presente artigo mobiliza a metáfora visual e conceitual da condução: a dialética inescapável entre o retrovisor e o para-brisass. O retrovisor curricular, longe de tipificar um elo de refúgio melancólico ou um apego saudosista a um passado idealizado, constitui a proveniência, a raiz e o amparo ético-político sem o qual o deslocar-se no presente perde o rumo e colide com os velhos fantasmas do tecnicismo. Por sua vez o para-brisass ao materializar a amplitude de campo, a audácia prospectiva e a intencionalidade de projetar futuros possíveis.

O problema central que baliza esta imersão teórica reside em desvendar como a racionalidade mercantil colonizou e embaçou o para-brisass da escola, transformando a visão de futuro em um horizonte estreito de adequação produtiva e conformismo social. A partir das contribuições destacadas e



contemporâneas de Gimeno Sacristán, Moacir Gadotti, Michael Apple e Tomaz Tadeu da Silva, este estudo assume o currículo não como um produto acabado (um produto final), mas como uma práxis efetiva e em constante disputa (um caminho a ser trilhado). A hipótese defendida é que a libertação da escola pública exige uma dupla voltagem temporal: o aporte epistemológico de limpar o para-brisas das distorções ideológicas de mercado sem jamais arrancar o retrovisor da memória coletiva, restituindo ao ato de ensinar a sua dignidade originária de mediação ética e transformação social.

2 O RETROVISOR CURRICULAR: A MEMÓRIA PEDAGÓGICA COMO AMPARO E NÃO COMO ÂNCORA DE FRUSTRAÇÕES

A reflexão sobre o currículo educacional exige, fundamentalmente, uma tomada de posição diante do tempo como processo histórico. Na pressa contemporânea por reformas estruturais, impulsionada por discursos que demandam uma inovação tecnológica e mercadológica constante, a escola é frequentemente empurrada a romper de forma abrupta com as suas tradições, rotulando o passado pedagógico como um território de desuso e fracasso. No entanto, uma análise crítica fundamentada na historicidade da educação recusa essa leitura linear e sem proposições. É sob esse horizonte que a analogia do retrovisor se manifesta com especial vigor teórico. O retrovisor curricular não representa um convite ao saudosismo paralisante ou à idealização melancólica de tempos áureos que nunca existiram, tampouco deve funcionar como um tribunal de comparações frustrantes que penaliza o presente em nome de métricas pretéritas. Ao contrário, o espelho retrovisor cumpre a função vital de registrar a premissa dos saberes, as lutas sociais que forjaram a escola pública e os acúmulos conceituais que nos permitem, hoje, ocupar o contexto da sala de aula com dignidade ética.

Como bem define Gimeno Sacristán (2000), o currículo não brota do vazio institucional; ele é o sedimento de escolhas culturais, tensões políticas e práticas pedagógicas que se acumularam ao longo de gerações. Negar o retrovisor curricular significa condenar a escola a um estado de amnésia crônica, onde cada nova política pública se apresenta como uma salvação messiânica desvinculada das realidades concretas do chão da escola propriamente vivenciado. Olhar pelo retrovisor, portanto, é um ato de responsabilidade epistemológica. Trata-se de reconhecer que as teorias críticas, os movimentos de renovação pedagógica e as edificações curriculares anteriores operacionalizam como o chão firme sobre o qual o presente se sustenta. Quando o educador aciona essa memória sem o peso do rancor ou da comparação punitiva, ele compreende que as contradições do passado não são falhas a serem escondidas, mas sim lições históricas que oferecem a base necessária para que a transladar educativo continue avançando de modo consciente.

Essa valorização da memória pedagógica encontra eco profundo no pensamento de Moacir Gadotti (2000), ao defender que a práxis educativa é intrinsecamente histórica. A herança científica freiriana da



qual Gadotti é herdeiro e tradutor contemporâneo lembra-nos de que as pessoas da educação são seres da práxis, o que significa que eles transformam o mundo a partir de uma herança cultural recebida. O retrovisor, embora menor em sua projeção física e espacial na arquitetura do veículo escolar, é pedagogicamente indispensável porque nos impede de colidir com os mesmos equívocos do passado tecnicista. Ele nos lembra de onde viemos para que possamos decidir, com maior autonomia, para onde queremos ir. O resgate crítico do passado, sob a ótica de um currículo-meio, funciona como uma moldura de amparo ético, transformando a memória coletiva da escola em uma força motriz que impulsiona o ato pedagógico, em vez de uma âncora que arrasta a criatividade dos docentes para o fundo do conformismo institucional.

Ao lado do resgate histórico freiriano, Klemz (2021) destaca que a memória pedagógica constitui um amparo ético-epistemológico indispensável, permitindo que os processos formativos reconheçam os acúmulos conceituais do passado para estruturar práticas mediadas por intencionalidade e acolhimento da diversidade.

3 A AMPLITUDE DO PARA-BRISAS E O DESAFIO DA VISÃO PROSPECTIVA: O PRESENTE COMO CONTEXTO DE CRIAÇÃO

Se o retrovisor nos arremete a estabilidade das raízes, é através do para-brisas que a educação realiza o seu movimento de abertura ao mundo e projeção de novos horizontes. O para-brisas curricular simboliza a amplitude de campo, a visão panorâmica e a intencionalidade prospectiva que caracterizam todo plano e de forma seguinte os projetos pedagógicos autênticos. Educar é, por definição, uma aposta no porvir, um ato direcionado à emancipação de pessoas que habitarão e ressignificarão o presente e o futuro. No entanto, o desenho dessa vidraça dianteira não pode ser uma projeção ingênua de utopias abstratas ou um repositório de promessas tecnológicas vazias. O para-brisas deve oferecer uma visibilidade nítida e crítica das demandas do tempo presente, permitindo que a comunidade escolar compreenda as fissuras sociais, as emergências planetárias e as transformações culturais que desafiam a juventude contemporânea, sem que essa antecipação do futuro resvale em uma ansiedade mercadológica destrutiva.

A edificação dessa visão prospectiva exige o distanciamento de uma pedagogia puramente reativa, que se limita a responder aos estímulos imediatos do mercado ou às pressões normativas das avaliações de larga escala. Conforme discute Silva (2001), o currículo é um documento de identidade que projeta o tipo de ser humano que desejamos formar. Ao olharmos pelo para-brisas curricular, a pergunta fundamental que se impõe não é simplesmente quais conteúdos são necessários para a sobrevivência econômica da pessoa estudante, mas sim que modelo de sociedade e de humanidade estamos desenhando por meio das nossas escolhas pedagógicas. O para-brisas, em sua vasta amplitude, convoca a escola a assumir um papel efetivo na criação do novo. Ele exige um currículo que não apenas reproduza o conhecimento acumulado, mas que



institua contextos de autoria, de manifestação da pluralidade e de exercício da imaginação política, permitindo que os educandos se percebam como construtores conscientes da história em andamento.

Nessa perspectiva, a educação prospectiva desdobra-se em um compromisso com o que Gadotti (2000) conceitua como a pedagogia da terra e a cidadania planetária. Olhar para a frente através do para-brisas significa preparar as novas gerações para enfrentar os dilemas civilizatórios da nossa época, o que inclui a sustentabilidade ecossocial, a justiça distributiva e o respeito radical à alteridade. Esse olhar visionário não se confunde com o otimismo ingênuo dos discursos gerenciais da eficácia escolar. Trata-se de uma postura de esperança ativa, que compreende o presente não como um destino imutável, mas como um campo de possibilidades abertas. O para-brisas curricular, ao dilatar o campo de visão das pessoas, liberta a escola do entrave burocrático e restitui ao ato pedagógico a sua vocação originária de abertura ao inédito-viável, transformando a sala de aula em um laboratório de experimentação existencial e de transformação social.

4 O PARA-BRISAS EMBAÇADO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS IDEOLOGIAS NEOLIBERAIS QUE COLONIZAM O HORIZONTE EDUCATIVO

Embora a amplitude do para-brisas prometa uma visão desimpedida do horizonte formativo, o olhar da teoria crítica nos obriga a denunciar que esse vidro dianteiro encontra-se frequentemente embaçado e distorcido pelas névoas ideológicas do capitalismo. O horizonte que a burocracia educacional e as reformas curriculares neoliberais projetam no para-brisas da escola contemporânea raramente é o da emancipação humana integral; trata-se, quase sempre, de uma paisagem mercantilizada, desenhada sob medida para atender às exigências de competitividade, eficiência e performance do mercado globalizado. Sob a falsa promessa de modernização e flexibilização, introduz-se no debate curricular uma racionalidade instrumental que reduz a visão de futuro da escola à formação de um "capital humano" adaptável, resiliente e domável aos imperativos da acumulação econômica.

A desmistificação desse horizonte colonizado encontra aporte em Apple (2006), nos adverte que o desenho do currículo prospectivo não é neutro, estando profundamente imbricado nas disputas de poder que definem a hegemonia social. Quando os reformadores empresariais tomam o controle do para-brisas curricular, eles operacionalizam uma limpeza semântica que esvazia a educação de sua dimensão política e contestatória. Conceitos fundamentais como autonomia, justiça e cidadania são ressignificados na chave do empreendedorismo de si e da adequação produtiva. O futuro projetado passa a ser o de uma sociedade de consumidores isolados, onde a capacidade das pessoas de intervir criticamente na esfera pública é substituída pela sua habilidade de gerenciar a própria empregabilidade em um mercado de trabalho precarizado.



Essa colonização do para-brisas produz um efeito colateral devastador: a invisibilização das desigualdades estruturais de classe, raça e gênero que determinam quem de fato tem acesso às oportunidades desvendado no horizonte. Ao simular uma visibilidade universal que ignora as barreiras socioeconômicas concretas, o currículo neoliberal joga sobre os ombros das pessoas a responsabilidade exclusiva pelo seu sucesso ou fracasso escolar. A queixa de Apple nos convoca a aplicar um filtro crítico e rigoroso sobre tudo o que é projetado na premissa da escola. Limpar o para-brisas curricular das distorções mercantis é uma tarefa urgente da resistência docente, exigindo a recusa obstinada de pacotes apostilados e formatos de competências socioemocionais romantizadas que visam apenas anestesiá-la a capacidade de indignação e furor dos(as) estudantes diante das injustiças do mundo contemporâneo.

5 A ARTICULAÇÃO DIALÉTICA NA PRÁXIS CURRICULAR: GOVERNAR A MARCHA ENTRE A SEGURANÇA DA MEMÓRIA E A AUDÁCIA DO PORVIR

O êxito da jornada pedagógica não reside na escolha excludente entre o retrovisor e o para-brisas, mas sim na capacidade ética e política de articular ambos em uma síntese dialética no cotidiano da escola. Um currículo que se limita a olhar pelo retrovisor condena-se ao anacronismo, à repetição burocrática de fórmulas esgotadas e ao fechamento dogmático diante das mutações culturais do presente. Por outro lado, um currículo que se otimiza com a velocidade do para-brisas, desprezando o acúmulo histórico registrado no espelho menor, flutua sem direção, tornando-se presa fácil para os modismos pedagógicos e para as capturas ideológicas do mercado financeiro. A segurança da caminhada educativa depende, fundamentalmente, dessa alternância de olhares: a mão firme que conduz o volante no presente necessita tanto da profundidade de campo oferecida pelo vidro dianteiro quanto da advertência constante trazida pelo espelho de trás.

Essa condução dialética traduz o que Sacristán (2000) define como o currículo em ação. O currículo real é aquele que se processa no movimento efetivo da sala de aula, onde a memória histórica dos saberes consagrados dialoga de forma intensa e criativa com as demandas imediatas e os projetos de futuro das pessoas estudantes. O professor, nesse cenário, atua como um motorista intelectual qualificado, que sabe o momento exato de consultar o retrovisor para resgatar um conceito elementar, uma luta social ou uma matriz identitária, sem desfocar o olhar do para-brisas onde a vida pulsa e exige respostas inéditas. Essa articulação impede que a escola caia na armadilha da falta de foco, essa patologia contemporânea que universaliza o agora e o imediato, desvinculando as pessoas tanto da cadeia geracional do passado quanto da responsabilidade ética com o destino das próximas gerações.

Como última análise, a fusão crítica entre o retrovisor e o para-brisas reconecta o currículo com a concepção de práxis e de educação cidadã defendido por Moacir Gadotti (2000). A escola emancipatória é aquela que consegue ser, simultaneamente, guardiã da memória cultural da humanidade e anunciadora de



utopias possíveis cotidianamente. O currículo a ser transladado não teme a complexidade dessa dupla tarefa. Ele assume a pequenez física do retrovisor como um lembrete de modéstia e respeito às nossas raízes pedagógicas, ao mesmo tempo em que limpa a vastidão do para-brisas para que as pessoas estudantes possam enxergar além das cercas impostas pelo conformismo neoliberal. Ao governar a caminhada pedagógica sob essa dupla voltagem temporal, a educação escolar cumpre a sua promessa mais nobre: transformar o conhecimento acumulado em energia libertadora, permitindo que as pessoas caminhem pelo presente com a segurança de quem sabe de onde veio e com a audácia de quem sabe para onde quer ir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imersão crítica desenvolvida ao longo deste estudo desmascara a carapaça de modernidade das reformas curriculares neoliberais e reconduz o debate educativo ao seu verdadeiro núcleo político. A obsessão corporativa em transformar a escola em uma usina de resultados imediatos e competências utilitaristas nada mais é do que uma estratégia sofisticada de alienação, que tenta apartar a juventude de sua bagagem histórica para melhor domesticá-la no presente. O esvaziamento do contexto escolar promovido pela mercantilização do saber não se combate com o apego melancólico a um passado idealizado, tampouco com a aceitação ingênua das promessas tecnológicas de fumaça que embaçam o vidro dianteiro da escola. A resposta opositora reside na coragem ética de sustentar a dialética temporal da condução pedagógica.

O valor estruturante da analogia do retrovisor e do para-brisas confirma que o passado e o futuro são territórios em permanente disputa na constituição das identidades e subjetividades. Arrancar o retrovisor da memória, como pretendem as cartilhas empresariais que colonizam o contexto educativo, significa condenar os docentes à perda de sua identidade como intelectuais transformadores e reduzir as pessoas estudantes à condição de consumidores passivos e descartáveis de informações fragmentadas. Por sua vez, manter o para-brisas limpo de distorções ideológicas é o dever mais urgente da teoria crítica do currículo. O porvir desenhado horizontalmente na escola, não pode ser determinado pelas demandas financeiras do mercado de capitais, mas sim pelas necessidades existenciais, ecológicas e democráticas da pluralidade humana.

Desta maneira, conceber o currículo como um processo vivo e inacabado de emancipação exige das comunidades escolares uma “rebeldia pedagógica” militante. É preciso tomar o volante do ato pedagógico, alternando o olhar cuidadoso sobre o acúmulo das lutas históricas com a visão ampla e visionária de uma sociedade socialmente justa e ecologicamente viável. O currículo, quando assumido como meio de leitura crítica do mundo e não como fim burocrático repressivo, reencontra no diálogo um aporte balizador e desenvolvidor. O cruzar a segurança da memória com a audácia da esperança ativa, a escola pública cumpre o seu papel ético inegociável: o de não se curvar à barbárie do presente e o de forjar, no chão da sala de aula, as condições conceituais e humanas necessárias para a edificação de outros futuros possíveis.



REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. Tradução de Sandra Regina Rodrigues. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.

KLEMZ, Charles. **Inclusão transversal da diversidade humana**: um diálogo entre a Teologia e a Educação. São Leopoldo: Oikos, 2021.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução de Beatriz Affonso Neves. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.